

E agora, Lírio? ▶ **Lírio Ferreira** representa como poucos a geração de cineastas brasileiros que despontou nos anos 1990: funde o regional com o nacional, transita entre documentários e ficções, trabalha frequentemente em parcerias. E recentemente se lançou como diretor de teatro. Enquanto prepara um novo longa-metragem, *Sangue azul*, ele comenta para a Filme Cultura o seu estilo de criação e o momento auspicioso em que se encontra sua carreira.

Entre a ficção e o documentário

“O cinema para mim sempre significou um meio de contar histórias. Tanto nos documentários, quanto nas ficções, eu procurei fazer desta forma. Essas histórias podem ter acontecido, podem ser parcialmente verdadeiras ou simplesmente terem sido inventadas. A ficção te dá mais liberdade para trilhar caminhos mais tortuosos, cometer saudáveis irresponsabilidades e até enlouquecer. Isso não quer dizer necessariamente que toda ficção deve ser mais solta enquanto que os documentários são mais engessados aos fatos. A forma de contar essas histórias é o que a meu ver imprime uma identidade aos meus filmes.

Apesar das ficções que eu fiz terem nascido de minha vontade e dos documentários me terem sido sugeridos, creio que eles tenham vários pontos em comum. Um muito claro é a forte presença da música. Outro é a importância e a influência da geografia, do *environment* que cerca os personagens na construção e no desenvolvimento dramático, mesmo que esta geografia seja, por exemplo, criada por filmes de arquivo.

Acho que tanto o documentário quanto a ficção possuem características bastante distintas e definidas. Todavia, apesar de evidentes diferenças, possuem pontos de aproximação. Quando essa aproximação transita numa fronteira em que não fica claro o gênero do filme que você está fazendo ou assistindo, nesse instante me sinto fisgado. É muito complicado definir um gênero para *Viajo porque preciso, volto porque te amo*, de Marcelo Gomes e Karim Ainouz. Seria ficção, documentário, experimental? A meu ver, isso não importa muito. Às vezes eu revejo o *Baile perfumado* e penso que estou assistindo a um documentário, e o inverso se dá com *Cartola*, que, de vez em quando, eu viajo numa de que é ficção.”

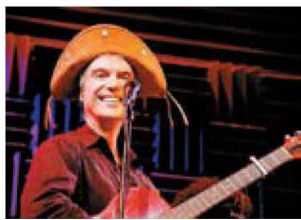


A importância dos trabalhos em parceria

“O cinema é uma arte de irmãos desde que os irmãos Lumière nos introduziram aquela invenção. As parcerias que tenho estabelecido foram de extrema importância na feitura dos filmes que fiz, e cada uma delas tem suas especificidades. A cumplicidade com Paulo Caldas (*Baile perfumado*), a segurança com Murilo Salles (*Árido movie*), a irmandade com Hilton Lacerda (*Baile, Árido e Cartola*) e a delicadeza com Denise Dummont (*O homem que engarrafava nuvens*). E pra dar certo, não existe uma regra clara. Não necessariamente as pessoas envolvidas devem pensar cinema da mesma forma, possuírem as mesmas afinidades artísticas ou compartilharem os mesmos gostos estéticos. As pessoas se gostarem já é um bom começo. Ouvir e se fazer ouvir também contribui. Não nos esqueçamos que o cinema também é uma arte de equipe, e ela também contribui significativamente no cozimento do bolo. Espero poder exercitar mais parcerias ou mesmo repeti-las. Quem sabe uma parceria com Eryk Rocha, Cao Guimarães ou, talvez, Julio Bressane.”

A estreia no teatro com *Eu te amo*

“Pra variar, outra parceria, agora com Rosane Svartman. Eu nunca tinha feito teatro antes, apenas tinha vivido uma experiência como ator nos tempos de faculdade. Também nunca tinha trabalhado tanto tempo com atores. Nos filmes que eu fiz, infelizmente, nunca consegui ter esse tempo extremamente necessário com os atores. No convívio diário, perceber o personagem pouco a pouco se materializando nos atores é uma sensação única. Ter trabalhado com Rosane e com todo o resto da equipe



O homem que engarrafava nuvens

e Árido movie

também me marcou profundamente. Creio que o fato de o texto ser a adaptação de um filme também me ajudou nessa nova viagem. Para os meus próximos filmes, tentarei transpor essa experiência da labuta diária com os atores. Gostei de fazer teatro e espero retornar.”

A próxima aventura no cinema

“O meu próximo filme se chama *Sangue azul*. Eu, Fellipe Barbosa e Sergio Oliveira fizemos um primeiro tratamento do roteiro. Portanto, o projeto está em fase de captação e quem vai produzir é a Drama Filmes. Tem a ver com circo, mar e a impossibilidade de amar. Tenho o desejo de filmar no final de 2011, quando a ilha de Fernando de Noronha assume na sua vegetação cores que se assemelham às do sertão nordestino. Pretendo também fazer uma continuação do *Árido movie* e um documentário musical sobre o pop brasileiro fechando a trilogia iniciada com *Cartola*.”

Faróis

1. *Cidadão Kane*, de Orson Welles

Um divisor de águas na minha vida. Todos os filmes que eu fiz, de uma forma ou de outra, pagam tributo a este filme e a Orson Welles. Sem ele, eu poderia ter seguido a carreira de jogador de futebol ou de dono de um boteco na Praia dos Carneiros.

2. *Deus e o diabo na terra do sol*, de Glauber Rocha

Assisti a este filme num momento muito especial da minha vida. Tinha decidido fazer cinema, mas não sabia que rumo tomar. Depois da sessão no Cineteatro do Parque, em Recife, uma certeza apossou-se de mim: dali em diante a dúvida iria nortear o cinema que eu iria fazer.

3. *O bandido da luz vermelha*, de Rogério Sganzerla

Um dos melhores filmes já feitos em todos os tempos. Radicalizou a contemporaneidade do cinema brasileiro. Me ensinou os princípios da montagem.

4. *Laranja mecânica*, de Stanley Kubrick

Saí do cinema com dez quilos nas costas. Só consegui balbuciar alguma palavra duas horas depois de encerrada a sessão.

5. *Iracema, uma transa amazônica*,

de Jorge Bodanzky e Orlando Senna

Será ficção ou documentário? Como disse lá em cima, não me importa.

6. *Crepúsculo dos deuses / Sunset Boulevard*,

de Billy Wilder

Um dos melhores inícios de filme da história do cinema mundial, ao lado de *A marca da maldade / Touch of evil*.

7. *Amarcord*, de Federico Fellini

As cores deste filme não saem da minha cabeça. A cena do louco em cima da árvore implorando por uma *donna* é de uma beleza singular.

8. *Acossado / À bout de souffle*, de Jean-Luc Godard

Neste filme, Jean-Paul Belmondo personificou o maior herói do cinema mundial.

9. *Solaris*, de Andrei Tarkovski

Se *Sunset Boulevard* é um dos melhores inícios de filme da história do cinema, este certamente possui o melhor final. A cena do personagem voltando para casa e se abraçando ao pai na porta de casa, cercado por várias outras ilhas, é a cena mais cinematográfica que eu conheço.

10. *O bebê de Rosemary*, de Roman Polanski

Aquela canção de ninar sobreposta ao *travelling* pelos telhados do Edifício Dakota me assombra até hoje.

Da esquerda para a direita:

O bebê de Rosemary, *Laranja mecânica*,

Crepúsculo dos deuses e *Solaris*

